

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Educação Básica e Profissional
Centro Pedagógico
Curso de Especialização em Residência Docente para a Formação de
Educadores da Educação Básica

Renato Sena Ramos

PERCURSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM: a experiência do fazer docente no curso de
Especialização Residência Docente da UFMG

Belo Horizonte
2020

Renato Sena Ramos

**PERCURSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM: a experiência do fazer docente no curso de
Especialização Residência Docente da UFMG**

Versão Final

Monografia de especialização apresentada à Escola de Educação Básica e Profissional, Centro Pedagógico, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Residência Docente para a Formação de Educadores da Educação Básica.

Orientador (a): Profa. Dra. Alessandra Soares Santos.

Co-orientador (a): Profa. Dra. Araci Rodrigues Coelho

Belo Horizonte

2020

CIP – Catalogação na publicação

R175p Ramos, Renato Sena
Percurso de ensino e aprendizagem: a experiência do fazer docente no Curso de Especialização Residência Docente da UFMG / Renato Sena Ramos. - Belo Horizonte, 2020.
56 f. il. color.; enc.

Monografia (Especialização): Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Básica e Profissional, Centro Pedagógico, Belo Horizonte, 2020.

Orientadora: Prof^a. Dra. Alessandra Soares Santos.
Coorientadora: Prof^a. Dra. Araci Rodrigues Coelho.

Inclui bibliografia.

1. Autobiografia. 2. História – Estudo e ensino. 3. Patrimônio cultural. I. Título. II. Santos, Alessandra Soares. III. Coelho, Araci Rodrigues. IV. Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Básica e Profissional, Centro Pedagógico.

CDD: 372.89

CDU: 372.893

Elaborada por: Biblioteca do Centro Pedagógico/EBAP/UFMG
Juliana dos Santos Rocha – CRB-6:2809



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
CENTRO PEDAGÓGICO
SECRETARIA DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO "RESIDÊNCIA DOCENTE PARA A FORMAÇÃO DE EDUCADORES DA
EDUCAÇÃO BÁSICA"

FOLHA DE APROVAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

Cursista: RENATO SENA RAMOS

Matrícula: 2018744326

Título do Trabalho: Percursos de ensino e aprendizagem: a experiência do fazer docente no Curso de Especialização Residência Docente da UFMG.

BANCA EXAMINADORA:

Professor(a) orientador(a): Alessandra Soares Santos

Professor(as) examinador(as):

Ismael Krishna de Andrade Neiva

Claudia Regina Fonseca Miguel Sapag Ricci

Tania Margarida Lima Costa

Aos 19 dias do mês de setembro de 2020, reuniram-se através de Teleconferência pelo aplicativo Zomm, os (as) professores(as) orientadores(as) e examinadores, acima descritos, para avaliação do trabalho final do(a) cursista **RENATO SENA RAMOS**. Após a apresentação, o (a) cursista foi arguido e a banca fez considerações conforme parecer:

PARECER: APROVADO NOTA: 90 CONSIDERAÇÕES:

Este documento foi gerado pela Secretaria do Curso de Especialização "Residência Docente para a Formação de Educadores da Educação Básica" baseado em informações enviadas pela banca examinadora para a secretaria do curso. E terá validade se assinado pelos membros da secretaria do curso.



Documento assinado eletronicamente por **Samuel Moreira Marques, Secretário(a)**, em 26/01/2021, às 13:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0537559** e o código CRC **E6623CD1**.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família, à Sofia, minha filha querida, e de modo especial, a todos os professores que foram vitimados pela COVID-19 e tiveram seus sonhos e desejos interrompidos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à coordenação e supervisão do curso no tocante à disciplina de História pela paciente contribuição em minha formação acadêmica, pela dedicação e compreensão na construção e realização deste trabalho, colaborando com suas ideias com uma postura ética, priorizando, acima de tudo, o respeito e consideração por minhas opiniões e meu desenvolvimento pessoal e intelectual. Aos meus colegas e parceiros na residência Docente, Rita de Cassia dos Santos Pires e Wellington do Carmo Faria, foi um prazer partilhar bons momentos de conhecimento com vocês. Agradeço ainda, de maneira especial, aos meus alunos, razão do meu fazer e crescer docente. É por vocês que mesmo em mar revolto, enfrento, muitas vezes, as tempestades.

*(...) Que sejas ainda mais vivo
No som do meu estribilho
Tempo, tempo, tempo, tempo
Ouve bem o que te digo
Tempo, tempo, tempo, tempo.*

*Peço-te o prazer legítimo
E o movimento preciso
Tempo, tempo, tempo, tempo
Quando o tempo for propício
Tempo, tempo, tempo,
tempo.*

*De modo que o meu espírito
Ganhe um brilho definido
Tempo, tempo, tempo, tempo
E eu espalhe benefícios
Tempo, tempo, tempo,
tempo.*

*(Caetano Veloso- Oração ao
tempo1979)*

RESUMO

O Trabalho de Conclusão do Curso aqui apresentado é o fechamento de um percurso pedagógico desenvolvido durante o curso de pós-graduação Lato Sensu no Curso Residência Docente para a Formação de Educadores da Educação Básica no Centro Pedagógico da UFMG. O estudo se organizou a partir de um Memorial e de um Plano de Ação que pôde ser implementado ao longo do segundo semestre de 2019 na Escola Municipal Hélio Pellegrino, na região norte de Belo Horizonte. No desenvolvimento do memorial a escrita e elaboração ocorreu ao longo do Curso, levando em conta práticas e vivências do professor ao longo de sua carreira docente. Na segunda parte do trabalho escrevo sobre meu projeto de ação, desenvolvido juntamente com meus alunos. Escolhi o tema da memória e da cidade baseado no conceito de “Cidade educadora” buscando ressignificar alguns espaços do bairro, abarcando espaços não formais de aprendizagem e de muito significado para a comunidade e para os alunos. Como resultado final construímos um “Caminho de Memória”, trilha educativa pelo bairro Guarani, situado na mesma região. Nesse roteiro histórico e cultural deixamos gravada uma placa de QR CODE criada pelos alunos, que ao ser acessado, leva para o site que conta a história do projeto e dos lugares de memória visitados e pesquisados pelos alunos. Este projeto permanece ativo através do site produzido, sendo reconhecido com prêmio Charles Lotfi 2019, o que gerou um alcance maior sobre as atividades apresentadas. O protagonismo dos estudantes e a forma de engajamento foram marcantes para que esse trabalho obtivesse êxito e fosse parte integrante deste trabalho.

Palavras-chave: Lugares de Memória, Patrimônio, QR Code, Referência Cultural-Cidade educadora.

ABSTRACT

The Course Completion Work (TCC) presented here is the closing of a pedagogical course developed during the Lato Sensu postgraduate course in the Teaching Residency Course for the Training of Basic Education Educators at the Pedagogical Center of UFMG. It was organized based on a Memorial and Action Plan that could be implemented throughout the second semester of 2019 at the Hélio Pellegrino Municipal School, in the northern region, in the city of Belo Horizonte. In the development of the memorial, the writing and elaboration took place throughout the Course, taking into account the teacher's practices and experiences throughout his sick career. In the second part of this work, I write about my action project, developed together with my students from the Hélio Pellegrino Municipal School. I chose the theme of Memory and the city based on the concept of "Educating city", seeking to reframe some areas of the neighborhood, encompassing non-formal spaces of learning and of great significance for the community and students. As a final result, we built a "Caminhos de Memória", educational trail through the Guarani neighborhood in Belo Horizonte. In this historical and cultural itinerary, we have recorded a QR CODE plaque created by the students, which when accessed, takes them to the website that tells the story of the project and the memory places visited and researched by the students. This project remains active through the website produced, being recognized with the Charles Lotfi 2019 award, which generated a greater reach on the activities presented. The protagonism of the students and the form of engagement were remarkable for this work to be successful and to be an integral part of this work of conclusion of course.

Keywords: Places of Memory, Heritage, QR Code, Cultural Reference- Educating City

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CP/UFMG – Centro Pedagógico da Universidade Federal de Minas Gerais

EMHP– Escola Municipal Hélio Pellegrino

FaE/UFMG – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais

LDB- Lei de Diretrizes e Bases

SMED – Secretaria Municipal de Educação

TCC – Trabalho de Final de Curso

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
1 MEMORIAL.....	11
1.1 Introdução	11
1.2 Minha infância e a escola	11
1.3 A escola na minha infância.....	13
1.3.1 O jardim de infância - O Tia Mônica.....	13
1.3.2 O Ensino Fundamental e Médio.....	14
1.4 A Universidade	17
1.5 O Trabalho do Profissional	18
1.6 O Curso Residência Docente	20
2 PLANO DE AÇÃO	24
2.1 Introdução	23
2.2 Problema.....	24
2.3 Objetivo geral	26
2.4 Objetivos específicos.....	26
2.5 Justificativa.....	27
3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	32
4 PERCURSOS METODOLÓGICOS	37
4.1 Percurso	37
4.2 Avaliação.....	41
4.3 Cronograma	42
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS.....	44
ANEXOS	46

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho é fruto de uma conquista pessoal. Experimentar as possibilidades de um curso de extensão em uma das maiores Universidades do país foi um desafio e ao mesmo tempo um grande prazer. Se naquele final de 2018 quisesse eu, imaginar como o seria essa apresentação, confesso que teria dificuldades em escrever. Mas o tempo foi senhor mais uma vez das coisas. Ajeitou tudo. E aqui chegamos.

Este projeto é o fechamento de um percurso pedagógico desenvolvido durante o curso de pós-graduação Lato Sensu no Curso Residência Docente do Centro Pedagógico da UFMG. Esse curso nasceu da parceria entre a UFMG e a Prefeitura de Belo Horizonte, tendo como objetivo possibilitar uma formação continuada aos educadores residentes da PBH. O documento se divide em duas partes: o memorial de Percurso e o Plano de ação desenvolvido, junto à escola onde atuou.

No desenvolvimento do memorial, a escrita e elaboração ocorreram ao longo do Curso, levando em conta práticas e vivências do professor e pesquisador que aqui escreve. Criamos a narrativa com a possibilidade de um ir e vir constante ao longo do texto. Com essa possibilidade de criação fomos lapidando e dando forma a um texto que gostaria de chamar de “memória de um professor em constante formação”, pois todo professor é um eterno aluno em formação. Memoriais são importantes para que a gente não se esqueça disso.

Na segunda parte do trabalho descrevo meu projeto de ação que foi desenvolvido juntamente com alunos dos 6º aos 9º da Escola Municipal Hélio Pellegrino. Escolhi o tema da Memória, a fim de criar a possibilidade de ressignificar os espaços do bairro no entorno de nossa escola. O percurso utilizado foi a pesquisa de campo, o caminhar e conhecer os lugares que eram de alguma maneira pontos de interesse e lembranças para a comunidade. Para incorporar e deixar tudo isso “marcado na memória” utilizamos as ferramentas do QR Code e a montagem de um site educacional. Em um primeiro momento o tema foi trabalhado em grupos de trabalho, tendo como referência os GTD’s (grupos de trabalhos diferenciados) que acontecem no Centro Pedagógico da UFMG. Com textos teóricos, debates e atividades coletivas fomos produzindo um arcabouço para que os estudantes tivessem uma base teórica de alguns conceitos importantes. Diante destes conhecimentos, os participantes puderam se organizar para as pesquisas junto à comunidade. Em outra frente um grupo foi se organizando na montagem dos QR Codes e na elaboração do site.

A participação dos estudantes foi algo que muito me emocionou. O interesse, a pesquisa, os encontros, acertos e principalmente nossos erros conjuntos. Ensinar e aprender na pura forma Freiriana. Chego até aqui feliz e com um sentimento de dever cumprido.

1-MEMORIAL

1.1 Introdução

O memorial apresentado, parte integrante do trabalho de conclusão de curso da especialização em Residência Docente para Formação de Educadores da Educação Básica, na área específica de História, da Universidade Federal de Minas Gerais, tem o objetivo de apresentar minha trajetória pessoal, acadêmica e profissional.

Tal documento retrata lembranças, descobertas, desafios e expectativas relativas à área pessoal e profissional. Aqui destaco momentos de grande importância, através das experiências escolares que marcaram minha vida, as dificuldades, frustrações, alegrias e paixões que me guiavam entre o sonho e a realidade de me tornar um professor.

Como afirma Bolsanello:

A incumbência de escrever sobre minha trajetória como professor me exigiu uma ação complexa de rememorar e relembrar, cujos movimentos discursivos me levaram a refletir sobre eu mesmo e sobre minha subjetividade, em um espaço potencialmente interpretativo. Redigido em plena maturidade, o memorial busca identificar uma etapa concreta de minha vida - o percurso profissional e o percurso desse momento - e para tanto assinalo, no transcurso da escrita, as situações que julguei as mais significativas (BOLSANELLO, 2017 p. 1).

1.2- Minha infância e a Escola

Escrevo sobre a minha história (pelo menos parte dela) ao mesmo tempo em que faço reflexões sobre meus trinta e poucos anos e o meu trajeto na escola, que passam inevitavelmente pela minha família e pelos meus outros significativos momentos.

Eu no Mundo

“E não importa para onde vamos seguindo, entre nós sempre haverá a lembrança de um olhar, de um carinho, e da integridade de momentos sinceros.”

Mário Quintana

Meu nome é Renato Sena Ramos, nasci em 20 de fevereiro de 1985, na cidade de Belo Horizonte, estado de Minas Gerais. Sou o primeiro de três filhos de Rogério Ramos e de Elça de Pinto Sena. Meu pai, metalúrgico viúvo, se encontrou com minha mãe, professora. Ele, de Belo Horizonte perdera sua esposa e seu primeiro filho em um acidente de carro. Esse foi o primeiro Renato de sua vida. Sim, meu nome é homenagem ao primeiro filho de meu pai. O primeiro Renato se fora. Encantara-se. Meu pai sempre trabalhou como trefilador na Mannesmann, ofício que aprendera com meu avô. Herdei meu gosto pelo samba do meu pai, que apreciava uma boa música. Ele era muito alegre, e bravo, e foi personagem importante em minha infância até a sua separação de minha mãe.

Minha mãe nasceu e se criou no interior do estado, na região do Vale do Jequitinhonha. Formou-se no curso Normal Superior e já em sua cidade começou a lecionar. Veio para Belo Horizonte após o casamento com meu pai, que havia conhecido em uma de suas férias em BH, na casa de suas primas. Minha mãe professora foi prenúncio do meu amor à escola e à educação.

Eu nasci em meio a livros. Minha mãe professora, minhas tias e tios professores. Desde pequeno tinha comigo um calendário mais que gregoriano a seguir. Tínhamos o calendário escolar. Os meses na vida de um filho de professor são demarcados pelo calendário escolar. Ainda mais quando essa mãe é professora de alunos menores.

A festa da família, a festa da páscoa. Material do dia das mães. Tantas atividades, tantos trabalhos! Em meio à mesa da sala, papel, cartolinas, cola tintas, pincéis... Eu queria o espaço para o jogo de botão! Não tinha. “Agora é trabalho, Renato!” Feriado preparado, férias de julho e férias de dezembro e janeiro. Nos outros meses o caminho habitual de ir para a escola de minha mãe, quando não havia ninguém para ficar comigo.

Era pequeno quando conheci a primeira sala de aula. Quadro e giz. Explicação e cuidado para que as palavras fossem aprendidas de maneira correta. O esforço dos alunos, o carinho dos alunos por quem eu amava. Pareciam me amar também. Isso me encantava.

Pequeno, eu pensava: como era possível ter o amor de quem não é sua família? Naquela época parecia estranho e tão grandioso poder ser querido e admirado por tanta gente ao mesmo tempo! Minha mãe era divina! Meu nada esforço de ficar ali. Parecia gostar. Parecia saber que era ali que me encontraria sempre.

Foi assim que desde pequeno fui crescendo e percebendo que a figura do educador era parte de mim. Talvez desde o ventre! Talvez antes disso em outros tempos! Como sempre digo. Se não fosse professor... Ah eu seria muito triste!

1.3- A Escola na minha infância

1.3.1- O jardim de infância - O Tia Mônica

Em 1989 a escola entrou em minha vida de maneira formal, uma vez que desde o nascimento estive envolto de elementos que traziam a escola para bem próximo. Com quatro anos iniciei no “Jardim de Infância” denominado Instituto Educacional Tia Mônica. A escolinha da tia Valéria era próxima a minha casa. Todos os dias minha mãe antes de ir trabalhar em sua escola me deixava lá. Estudava no turno vespertino, disso também me recordo por causa do sol que me incomodava ao subir a ladeira. Nossa sala de aula e os espaços da escola eram coloridos, assim como as pequenas mesas, letras e mapas que decoravam as salas. Afora isso, há duas lembranças de que tenho bela e entusiasta recordação: a minha primeira festa de São João e meu aniversário de palhaço na escola. Na primeira vesti-me e preparei para dançar com meu par após um bom tempo de ensaio. A segunda, a presença de todos os colegas fantasiados para minha festa de cinco anos! Todos de palhaço! Que alegria! Todos lá! Começava a perceber o mundo além de minha casa. Ali era o lugar de aprender e de colocar a imaginação para funcionar. Com as professoras Valéria e Fatinha fui conhecendo o mundo das palavras.

O ir à escola era um momento de alegria. A bermuda vermelha e a camisa da escola eram usadas com muito zelo. Eu era um aluno! Isso era muito importante.

Durante os anos que frequentei o Instituto Educacional Tia Mônica, aprendi o valor da convivência com pessoas que não pertenciam a minha família, e ali nasceram amizades, mesmo que de infância, que viriam a se perpetuar para a vida inteira. Aprendia mesmo que inconscientemente a importância do respeito às individualidades e suas vivências anteriores. Por fim, acabei o ano alfabetizado indo para o pré-primário na Escola Municipal Pedro de Alcântara Junior.

1.3.2 - O ensino fundamental e Médio

Após sair da educação infantil chegou a hora de uma escola com mais alunos e mais responsabilidades. Escola Municipal Pedro de Alcântara Junior, no bairro Cidade Industrial, em Contagem. Era uma escola com 16 salas, quadra, anfiteatro, biblioteca e outros espaços como cantina e refeitório. Aqui nessa escola eu fiquei da 1ª série a 6ª série. A 7ª série e 8ª série fiz em uma escola do interior.

Desde a antiga 1ª série tinha muitas professoras que já conhecia pelo fato de trabalharem com minha mãe em outras escolas. Mas isso de nada me beneficiava. Sempre me cobrei mais por isso e sempre fui cobrado por isso. Ser filho de professora tem seu ônus.

Nesse período em que estudei na escola Pedro de Alcântara Júnior de (1990 a 1996) a organização curricular estava muito voltada para uma avaliação somativa, visando uma classificação ao final do ano. Eram necessários para aprovação conseguir os sessenta pontos ao final do ano e, em caso de não se conseguir a média, poderíamos ser reprovados acima de três matérias ou ficarmos de dependência em caso de não conseguirmos médias em até três matérias.

Com toda essa organização, os professores preparavam as aulas a fim de dar conta do conteúdo apresentado no livro. Lembro bem que em relação às aulas de História, a professora utilizava o livro “Assim Caminha a Humanidade”. Nessas aulas de história o positivismo era a perspectiva dominante.

Era perceptível a exigência de decorar os fatos e seguir o livro até o seu final. Em relação ao conteúdo das outras disciplinas não eram muito diferentes na maneira de se ensinar e aprender. Eu tinha uma dificuldade com a disciplina de Inglês que surgiu em minha vida pela primeira vez na quinta série. Nela perdi minha primeira média e quase fui reprovado! Mas acabei conseguindo a aprovação.

Em relação aos projetos, o que tínhamos era uma escola que tentava se movimentar em relação a algumas propostas interdisciplinares. Lembro-me de todo engajamento da escola em relação às Olimpíadas de Atenas em 1996 onde minha turma acabou representando o Brasil durante a feira de cultura. De maneira geral trabalhamos os elementos culturais dos países sem uma relação mais direta com os conteúdos.

No ano de 1997 fui para o interior após separação de meus pais. Uma das primeiras coisas que me chamou a atenção é de que não havia mais notas “reais”, com números e uma média. Na escola estadual que comecei a estudar eram dados conceitos que acreditávamos, iriam para o histórico ao final do ano. Via minha mãe conversando com minhas tias, também professoras nessa escola, e nas palavras delas “essa coisa de passar todo mundo ia acabar com a educação”. Estudei da mesma forma como se não houvesse tido essa mudança em relação à forma de avaliar. Talvez muito mais por pressão de minha mãe do que por vontade em aprender naquele momento.

Em meu histórico quando da promoção para o segundo grau, não havia realmente nota alguma e sim apenas a frequência nos anos de 1997 e 1998.

Figura 1- Histórico escolar com promoção automática por frequência. Resolução 8086/97

4º ano 1º Ciclo	3º ano 1º Ciclo	2º ano 1º Ciclo	1º ano 1º Ciclo	7ª SÉRIE	ESTAB.: E. E. Alphonsus de Guimaraens		MUNICÍPIO: Comercinho	
					ESTADO: MG	MÍNIMO PARA PROMOÇÃO	DIAS LETIVOS ANUAIS: 200	C. H. ANUAL: 833:20
				APROVEI- TAMENTO				
				CARGA HORÁRIA				
				FALTAS (HORAS)				
				OBS.	Frequência: 99% Resol. 8086/97			
								Apto
4º ano 2º Ciclo	3º ano 2º Ciclo	2º ano 2º Ciclo	1º ano 2º Ciclo	8ª SÉRIE	ESTAB.: E. E. Alphonsus de Guimaraens		MUNICÍPIO: Comercinho	
					ESTADO: MG	MÍNIMO PARA PROMOÇÃO	DIAS LETIVOS ANUAIS: 200	C. H. ANUAL: 833:20
				APROVEI- TAMENTO				
				CARGA HORÁRIA				
				FALTAS (HORAS)				
				OBS.	Frequência: 96% Resol. 8086/97			
								Apto

Fonte: Arquivo Pessoal.

Hoje vejo que isso foi um dos reflexos da Resolução nº 8086/97, política educacional implementada para equacionar os problemas da evasão e da repetência, ligados à regularização do fluxo escolar, defasagem de alunos, segundo idade/série. Ao final daquele ano de 1997, quando as escolas estavam em fase final dos trabalhos escolares, a SEE/MG o emitiu implantando os Ciclos de Formação com progressão continuada no ensino fundamental, em dois períodos, sendo o primeiro, os quatro anos iniciais e o segundo, os quatro anos finais. Tal medida provocou ampla resistência nas escolas e famílias, devido à forma como ocorreu, sem preparação das comunidades escolares.

Outro elemento que marcou muito todo esse período foi como na escola o erro aparecia como uma fonte de condenação e castigo. Alguns amigos que tinham dificuldade em algumas disciplinas, muitos desses amigos sem uma estrutura familiar mínima, acabavam por serem deixados de lado e ao fim do ano eram reprovados. Muitos, como solução, acabavam por deixar os estudos e iam procurar novos caminhos. A grande questão disso tudo é que as punições aos alunos que não acompanhavam o ritmo da turma afetava o desenvolvimento desses, na medida em que sentimentos de rejeição e de incapacidade se estendiam pela vida afora.

Ao final do ensino fundamental fui cursar o ensino médio na cidade de Teófilo Otoni. Nos três anos que estudei o ensino médio morei sozinho em uma cidade distante quatro horas de onde minha mãe estava. Havia conseguido passar na prova do colégio Tiradentes da PMMG, quando ainda havia esse tipo de promoção para entrada.

Nesse período pude amadurecer morando sozinho em repúblicas e pensionatos. O ensino ficou puxado e as atividades escolares estavam muito voltadas para uma formação militar. Mesmo sendo uma escola do Estado não recebíamos ainda os livros do PNLD e tive que fazer a aquisição de todos eles. Foram tempos de muito aprendizado e de uma maturação no que se refere à possibilidade de entrar para o curso de História e na carreira de Professor. Ao final de 2002, ficaram as lembranças do Ensino Médio e da cidade de Teófilo Otoni que me ajudaram na formação de um sujeito mais forte em relação a muitas adversidades. Ali resolvi que seria professor, muito influenciado por minha querida professora Roberta Salomão, inteligente e de um carisma gigantesco.

Tudo que já havia vivido em meio à vida corrida de uma mãe professora, teve brilho ainda maior com a postura de encorajamento e respeito que via nas aulas de Roberta. Foi o despertar para o caminho do magistério.

1.4- A Universidade

No ano de 2003 comecei o curso de história na PUC-MG com os anseios de um calouro. Era uma experiência nova e o universo acadêmico era, para aquele garoto recém-saído da adolescência, uma possibilidade de uma formação profissional.

Ao longo dos primeiros dois semestres, o que víamos no curso era uma base teórica muito profunda. Fomos percebendo a intensidade do curso e muitos colegas foram ficando pelo caminho.

Em relação às práticas docentes fomos ter contato com as escolas a partir do meio do curso. Passamos a desenvolver atividades orientadas em estágios supervisionados que possibilitaram uma relação real entre teoria e prática. Várias foram às atividades aplicadas em meus estágios nas escolas Estaduais Flávio dos Santos e Colégio Tiradentes da Polícia Militar de Minas Gerais.

Organizamos círculos de conversa e atividades relacionadas às práticas de História. Um dos pontos importantes de minha formação foi a realização de atividades de história baseadas em oficinas. Tive o primeiro acesso a essas práticas na leitura do texto de CERRI (2006), *Oficinas de ensino de história: pontes de didática da história na transição do currículo de formação de professores*.

Nesse momento, como um estudante de história que estava aprendendo com tantos autores em relação às teorias de História, percebi claramente como as minhas aulas, quando do ensino fundamental, eram notadamente positivistas.

A possibilidade de fazermos as oficinas e de dar um sentido mais próximo ao ensino de História fez com que essa prática me marcasse muito. Foi com essa forma de criar as aulas e a busca por dar espaço à “história-problema”, que me levaram a buscar ainda mais essa forma de ensinar.

1.5- O Trabalho Profissional

Meu caminho como docente teve início em 2008. Recém-formado, não tinha a intenção nem a expectativa de iniciar minha carreira em sala de aula, mesmo tendo prestado concurso para a prefeitura de Ibitaré. Trabalhava na PUC Minas desde antes de me formar no setor administrativo e me sentia bem naquele espaço acadêmico, mesmo não atuando como professor. Estar junto aos professores do setor de História era muito prazeroso e gerava muitos conhecimentos. Em janeiro 2008, acabei trocando de setor, indo para o setor de documentação do curso de fisioterapia, que nada tinha a ver com o que fazia anteriormente. Essa troca de setor só veio a aumentar em mim o desejo em poder lecionar. O elemento que necessitava para tomar a docência como caminho de vida de forma definitiva veio de com uma grande tristeza. Com a morte de meu pai em março de 2008, as dificuldades financeiras me puseram de frente a uma nova realidade. Era eu quem me tornara o homem da casa. E para isso o salário de técnico administrativo da PUC não daria. Em meio à vontade de buscar novos rumos e a morte de meu pai, acabei por sair de minha função na PUC, com uma gratidão imensa a instituição que me formara enquanto profissional, iniciando em maio daquele ano, após um processo seletivo na prefeitura de Contagem, minha carreira como professor. Cheio de ânimo para colocar em prática tudo que havia estudado, comecei meu caminho em uma escola do ensino fundamental localizada no bairro Vila Pérola.

Ao entrar em sala pela primeira vez segui o conselho de minha mãe que com sua experiência me disse: Fecha a cara! Não mostra os dentes por nada! Faz o seu serviço que com sua capacidade vai dar tudo certo! Fiz tudo diferente! Conversei com os alunos desde o primeiro momento. Ri de chorar com eles falando que eu era muito novo e que parecia aluno! Fiz atividades de campo que pareciam verdadeiros passeios! Montamos aulas com temas escolhidos pelos alunos em relação a tantos temas importantes. A questão econômica e social em que viviam a maior parte dos alunos era uma motivação a mais para as aulas. Sempre me pegava pensando eu uma frase que uma vez havia lido: “Quando se nasce pobre, ser estudioso é o maior ato de rebeldia contra o sistema”.

Dedicava-me a esses alunos e fazia das aulas um espaço para que de alguma forma pudesse ajudar na construção de uma vida mais digna e com oportunidades para meus alunos. Em agosto já “dobrava” em outra escola no bairro Nacional também em Contagem. Essa prática tão comum a muitos professores que tem em sua dupla ou até tripla jornada me ampliou os horizontes em relação ao fazer pedagógico e a minha prática diária. Era preciso aproveitar bem o tempo, pois tudo que se sonhava em planejamentos tão bem elaborados, talvez não coubesse na rotina pesada de deslocamento de uma escola para outra. Em Contagem em relação ao currículo, víamos uma mudança muito grande em questão do que se ensinar e na organização das disciplinas no quantitativo de aulas. Uma luta em relação à área de humanas (história e geografia) que perdia aulas e professores. A promoção automática dos alunos era uma realidade cruel, maquiada por uma “cota de retidos” que visava dar um ar de transparência ao ciclo de ensino adotado pela prefeitura.

Em meio a esse início de carreira a questão dos movimentos de defesa da carreira do docente amparada no movimento sindical me atraía e despertava em mim um senso de coletividade.

Na luta me via na possibilidade de mudar o que estava posto muitas vezes e que tantas vezes ouvi quando de minha escolha para professor, que educação não tinha futuro. Segui e sigo nessa luta como parte da classe trabalhadora. Ponto que em toda caminhada apesar das mudanças de rumos e de cidades permaneceu igual.

Em 2010 acabou o contrato na prefeitura de Contagem e já no início de 2011 fui chamado para assumir o concurso como professor na rede Municipal de Ibirité. Foram tempos difíceis pela falta de estrutura e dificuldades de saúde que eu passava. Transplante de córnea e a colocação de um anel corneano no ano de 2012 deram a mim um novo olhar também para a carreira de professor. Vi o quanto temos realmente que melhorarmos enquanto categoria e quanto o adoecimento profissional pode gerar situações que levam o professor ao total desestímulo e em muitos casos a depressão. Por não poder estar presente em vários momentos importantes de nossa escola, a direção me via como um “peso” e pedia seguidamente o meu afastamento laboral, não entendendo que isso era apenas um momento. Eu mesmo comecei a questionar que talvez toda a dedicação à carreira de professor que, naquele momento só se iniciava, poderia ter um fim precoce.

Mesmo com todo esse processo fiquei na rede de Ibirité até o ano de 2015, quando fui nomeado junto à prefeitura de Belo Horizonte.

A partir desse ano me estabeleci como professor na rede Municipal de Belo Horizonte no turno da manhã e na rede Municipal de Betim no turno da tarde.

Em Belo Horizonte um renascimento sobre as minhas práticas pedagógicas e as propostas que tanto sonhei desenvolver. Na Escola Municipal Hélio Pellegrino a partir de 2015, pude realizar várias das oficinas que tanto imaginei e elaborei ao longo de alguns anos. *“Manhã Egípcia”*, *“Historia em mim”*, *“Fontes históricas, retratos da memória”*, *“Vidas em Labuta: História oral dos alunos da EJA”* são alguns, entre tantos outros, que desenvolvi e ainda pretendo desenvolver na área de História em minha escola. Interdisciplinarmente, tomei como um dos desenvolvimentos muito importantes em meu trabalho, à questão do Bullying e suas consequências, tendo formado um grupo de apoio para enfrentamento das diversas formas de violência em nossa escola.

É nesse sentido que cheguei ao segundo semestre de 2018 com um espírito renovado e a possibilidade de uma especialização veio ao encontro com um ótimo momento de criação nas práticas pedagógicas desenvolvidas em minha escola.

1.6- O Curso Residência Docente

No segundo semestre de 2018 a prefeitura de Belo Horizonte, em parceria com a UFMG, disponibilizou o sorteio de vagas para uma especialização em Residência Docente. Em princípio a possibilidade de poder começar uma especialização em uma Universidade Federal atraía muito minha atenção. Com o objetivo de me tornar um profissional mais capacitado a atuar como docente busquei participar então do sorteio por uma vaga. Mesmo sem saber inicialmente como seria o curso e sabendo que deveria contar com a sorte para o sorteio, fiz minha inscrição. Com toda correria do dia a dia acabei por não lembrar o dia do sorteio e fui informado de minha “sorte” por uma amiga professora em minha escola.

Mesmo assim, o prazo era curto e por pouco não fui contemplado com a vaga. Juntado todos os documentos entreguei a secretaria do Museu Ponto, referência para o Curso de Residência docente e enfim estava matriculado. Vinha agora a expectativa de conhecer como seria esse desafio.

Quando do primeiro encontro com a presença da secretária municipal de educação até nosso último encontro semanal que se deu ainda no momento em que finalizo esse memorial, tudo está sendo um grande aprendizado.

Se o início foi com muitas dúvidas por sermos um projeto “quase piloto” na forma em que se propunha, o desenrolar das atividades foi nos mostrando que essa experiência poderia ser uma possibilidade de enriquecer e repensar o meu fazer pedagógico.

Os encontros de terça-feira com os seminários temáticos acabam por agregar muito ao curso. Primeiro porque possibilitava o encontro de todas as áreas e com isso uma chance de conversarmos sobre os anseios, conquistas e dificuldades do curso. Em segundo, porque era a possibilidade de um conhecimento ímpar, com a possibilidade de discussões em várias áreas, que muitas vezes com o dia a dia da profissão acabam por passar despercebidos. Cito, como exemplo, uma atividade de contação de história – “*A contação de história como possibilidade de interação*”, realizada pelas professoras Eliana Guimarães, Maria Elisa Grossi e Patrícia Barros, que tanto nos tocou de maneira simples e afetuosa. O pensar o aluno com o seu olhar em relação aquilo que falamos e contamos! Para mim, um aprendizado memorável.

A possibilidade de pensarmos novas práticas pedagógicas, especificamente a nós que somos da área da história, foi engrandecedora no que se refere ao uso de espaços educativos como o Museu Ponto. Não tenho dúvidas que o projeto de ação que pensei dentro da Residência Docente tem muito desse “conhecimento itinerante”, algo a ser seguido.

Em relação aos encontros de área, na plataforma Moodle e presencialmente, estamos construindo possibilidades educativas muito positivas. A literatura apresentada pelos orientadores, a possibilidade de uma troca de conhecimento nas aulas partilhadas dentro do Centro Pedagógico, a abertura de nossas escolas para a

UFMG, bem como a organização de nosso projeto de ação, são uma base de apoio importante em relação ao caminhar da Residência Docente.

Acredito que a possibilidade de partilha de dúvidas e incertezas, o diálogo franco e cordial com as coordenadoras do curso e de área diante das necessidades apresentadas em relação ao tramite legal junto a PBH, deram e dão um norte para o pleno desenvolvimento de meu trabalho dentro do curso.

Já percebo as mudanças em meu fazer pedagógico. A possibilidade de partilhar experiências nos reanima. Faz-nos querer ir além. O projeto de ação que pensamos em conjunto é a possibilidade de materializarmos essa mudança. A escola onde atuo acolhe e promove as várias ideias que são pontapé inicial para um dos elementos da conclusão desse curso que é o Projeto de Ação.

Por acreditar na educação e por cada aluno que tenho, defino a minha experiência até aqui como mais uma possibilidade de fazer com que diante das incertezas de minha profissão, eu possa seguir acreditando como nos diz Paulo Freire que *“ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar”*.

2- PLANO DE AÇÃO

2.1 Introdução

Para a elaboração desse projeto de ação inquietei-me ao constatar que em nossa escola as atividades relativas à história da cidade, desde o 5º ano do ensino fundamental, sempre abordavam a mesma temática: “Do Arraial Del Rey à Belo Horizonte”. Nada diferente do que aprendi quando criança: uma história de fatos, acontecimentos, datas e atores que pouco sentido fazia. Uma história na qual eu não me reconhecia e não reconhecia os seus atores. Penso que o mesmo sentido que não fazia para mim ainda não faz para meus alunos. Ter algo tão distante e sem a capacidade de envolvimento na narrativa faz com que os alunos percam o interesse sobre o que está sendo apresentado. Pensei então, no que poderíamos contar, eu e meus alunos, como testemunhas de parte da história de nossa cidade. Seria muito mais do que contamos na escola. Seria então uma história de nosso bairro. Muito mais poderiam contar aqueles que vivem mais próximo de nossa realidade. Muito mais poderíamos mostrar com o patrimônio cultural construído pelos moradores de nosso bairro!

Decidi, portanto, desenvolver com meus alunos outra narrativa histórica, dando voz às pessoas comuns e aos lugares da memória¹ que fossem próximas à realidade de muitos deles.

Em relação aos Lugares de Memória, Pierre Nora escreve que:

lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória [...] Não mais inteiramente a vida, nem mais inteiramente a morte, como as conchas na praia quando o mar se retira da memória viva. (NORA, 1993 p.13)

¹ Em relação a esse conceito, utilizo como referência o trabalho de Pierre Nora em seu texto Entre Memória e História: A problemática dos lugares. São Paulo. 1993.

Pensando nesse resgate da memória proponho a construção de um roteiro histórico, na perspectiva de uma história cultural, baseado nos relatos de seus moradores, pelas ruas do bairro Guarani e Aarão Reis, região norte de Belo Horizonte.

No bairro Guarani encontra-se Escola Municipal Hélio Pellegrino, onde atuo como professor municipal da Prefeitura de Belo Horizonte. O público alvo serão os alunos da escola e sua comunidade, que abarca também bairros vizinhos, principalmente o Aarão Reis.

Esse projeto de ação surge com a perspectiva de fazer com que os nossos alunos sejam agentes partícipes e transformadores de suas ações históricas, possibilitando a eles que ao acessarem os caminhos da memória possam se reconhecer como sujeitos ativos da história. E, para isso, podemos nos utilizar de ações simples e de baixo custo, que já têm sido realizadas ao redor do mundo a fim de transformar espaços concretos em espaços virtuais, levando lugares locais a serem conhecidos globalmente. Nesse sentido pensamos no uso do QR Code.

Para que o projeto alcance seus objetivos e para que essa memória seja preservada e rememorada, pensamos no uso do QR Code. Projetos que utilizam o QR Code para divulgação de edifícios, praças e pontos interessantes de cidades, se espalham ao redor do mundo de formas cada vez mais criativas. O QR Code, do inglês Quick Response, é um código bidimensional que pode ser facilmente scaneado por smartphones que possuem câmera fotográfica através de qualquer aplicativo próprio para a leitura de códigos QR2. Criado em 1994 pela empresa Denso-Wave, a fim de facilitar o gerenciamento de inventário e controle de estoque de peças automobilísticas, desde 2003, o QR Code tem sido utilizado para facilitar a inserção de dados nos celulares. Nos últimos anos, no entanto, esse código bidimensional tornou-se ainda mais conhecido por ser utilizado pelo marketing a fim de facilitar as comunicações online e off-line.

2.2 Problema

A criação de um roteiro de bairro e o uso de uma ferramenta tecnológica como o QR Code, produtos desse projeto de ação, formam a base do que pretendemos, trazendo a tona também a memória e o conhecimento do patrimônio edificado em nosso bairro e das memórias nele vividas.

Esse projeto de ação nasce da possibilidade discutida em nosso grupo de Residência Docente da UFMG, de construção de uma ferramenta que possa nos auxiliar a despertar em nossos alunos o desejo de conhecimento e de pertencimento em relação à história local.

Fazer com que a aula se torne algo prazeroso e estimulante é desejo de todo professor. Um roteiro que se utiliza de uma ferramenta como o QR Code, comum aos adolescentes, abre um bom caminho para esse objetivo.

O roteiro a ser elaborado terá como base, como dito anteriormente, uma perspectiva da história cultural. Em relação a esse conceito, Ronaldo Vainfas (1997) consegue identificar bem as três maneiras distintas de tratar a história cultural. Para tanto, Vainfas parte da recusa de um conceito vago, ambíguo e impreciso de mentalidades, *valorizando o cotidiano*, a micro história; *da predileção pelo informal e pelo popular*, distanciando-se da história dos “grandes pensadores”; da preocupação em resgatar o papel das classes sociais e do conflito social; e da possibilidade de a história cultural apresentar caminhos alternativos para a investigação histórica. Seguindo esse caminho, nos amparamos nos relatos dos moradores no entorno de nossa escola, para que possamos trazer nesse roteiro, a possibilidade de voz e de apropriação dos espaços e dos lugares de memória por eles apresentados, trazendo elementos simples, mas muitas vezes silenciados.

Por fim, destaco que o roteiro histórico pelo entorno da Escola Hélio Pellegrino, será produto final desse Projeto de Ação, onde o uso da ferramenta de QR Code será instrumento fundamental. Para concretização desse produto destaco também que diversas atividades se darão em torno de GT (grupo de trabalho) com alunos do 6º ao 9º anos do ensino fundamental, em encontros semanais para organização e montagem de nosso roteiro.

2.3 – Objetivo geral

O projeto aqui apresentado tem como objetivo principal, resgatar, através da construção de um roteiro histórico / trilhas educativas no entorno da escola municipal Hélio Pellegrino, os lugares de memória/ espaços educativos e ou de referência histórico-cultural, levando a ações que visem à promoção e conservação desses, fazendo com que a História seja mais significativa para os alunos.

2.4- Objetivos específicos

- Identificar Espaços da comunidade que podem ser tomados como espaços educativos/ de memória e ou de referência histórico-cultural em uma perspectiva de uma cidade educadora.
- Transformar a escola num espaço de aprendizagem ampliado com conteúdos interdisciplinares voltados para a pluralidade cultural local, valorizando suas histórias e promovendo a elevação da autoestima.
- Demonstrar aos alunos que a situação atual da comunidade em que vivem foi decorrente do processo de participação, lutas e conquistas, que tiveram como principais atores os moradores locais, discutindo o conceito de sujeito protagonista na história.
- Levar os alunos a perceberem- se como potenciais sujeitos da história de seu bairro.
- Disponibilizar digitalmente como forma de divulgação, através do QR Code e produção de um site para alunos e comunidade, os resultados obtidos neste roteiro histórico do bairro, a fim de que todos conheçam os lugares da memória local.

2.5) Justificativa

Um povo sem memória é um povo sem história. E um povo sem história está fadado a cometer, no presente e no futuro, os mesmos erros do passado.

Emília Viotti da Costa

Em tempos de grande produção de informação e velocidade na comunicação, que faz com que os saberes e memórias do passado sejam substituídos pela constante inovação midiática, pautada em relações mais fluidas, a questão da memória e do patrimônio torna-se fundamental para a sociedade.

O “olhar” à nossa volta é o convite que fazemos para a proposta desse projeto de ação, que visa criar um roteiro histórico com o auxílio da ferramenta QR Code pelos bairros Guarani e Aarão Reis, que formam a base de nossa comunidade.

Em relação aos bairros que serão objetos de nosso roteiro, os mesmos se encontram na Regional Norte de Belo Horizonte. A urbanização em ambos é recente e ainda está em andamento. Apesar de uma parte dessa região ter sido ocupada antes mesmo da construção de Belo Horizonte, o desenvolvimento de sua infraestrutura urbana (água, esgoto, eletricidade e pavimentação) só ocorreu de fato nas décadas de 1980 e 1990. A região possui um perfil cultural plural. Suas manifestações artísticas abrangem desde a cultura de resgate, memória e patrimônio das identidades culturais, como os grupos de capoeira, congado e folia de reis, passando pela dança, o hip hop, grafitismo, até o teatro e a música.

Na Coleção Histórias dos Bairros os organizadores afirmam que:

A região estava em uma área cuja ocupação teve início há muito tempo, bem antes da construção de Belo Horizonte. Ela está inserida na Bacia do Ribeirão do Onça e era uma região de fazendas, matas e chácaras. Na década de 1940, as antigas fazendas foram loteadas, vilas foram criadas e os bairros Primeiro de Maio, Providência, Minaslândia, Aarão Reis, Guarani, Floramar, Heliópolis e São Bernardo começaram a surgir. Até 1948, essa parte da cidade ainda pertencia oficialmente ao município de Santa Luzia, mas já estava sob grande influência da capital. Muitos desses bairros surgiram numa área com relevo desfavorável para a construção de moradias e que, mesmo assim, foram intensamente ocupados. (RIBEIRO, 2011, p.19)

Hoje encontramos na região Norte, uma situação conflitante: bairros habitados por uma população com melhor poder aquisitivo e infraestrutura urbana, contrastam com bairros e vilas habitados por uma população carente, com condições mínimas de moradia.

Em relação ao bairro Guarani, onde se localiza nossa escola;

Sua ocupação teve início com a abertura da estrada para Santa Luzia (atual Rua Benedito Xavier) a partir do prolongamento da Rua Jacuí. A obra deveria melhorar o acesso à região, mas faltavam ônibus ou outros meios de transporte coletivos para atender os moradores. Durante muito tempo, a única solução era seguir a pé até o bairro São Paulo para tomar o ônibus que levava ao centro da cidade. Também era aí que as pessoas se encontravam nos finais de semana para conversar e para rezar, pois a igreja do bairro era um importante centro social para toda a região. A situação precária do bairro Guarani só começou a mudar com a pavimentação da Avenida Waldomiro Lobo, na década de 1980. Mas as melhorias dependeram da luta de seus moradores. Água encanada, pavimentação de ruas, comércio, e escolas (RIBEIRO, 2011, p.21).

Ao ler o texto de SIMAN (2008) “Memórias sobre a história de uma cidade: A História como labirinto”, uma das primeiras indagações da autora é se: *“pode a escrita da História de cidades, elaborada a partir do diálogo entre a memória e a História, oferecer a alunos e professores oportunidades de aprender a se perderem numa cidade?”* (SIMAN, 2008, p.242).

A essa reflexão afirmo que sim, podemos aprender e ao mesmo tempo, nos “perder”, no sentido de conhecer e buscar caminhos pela cidade, valorizar os sujeitos e os espaços culturais bem como, suas memórias. Esse questionamento foi um norteador para direcionar minhas pesquisas para esse projeto de ação. Resolvi “me perder” e levar junto meus alunos nesse caminho.

Em diálogo com a questão da cidade e os processos educativos que o permeiam, outra autora faz importante reflexão em relação à escola e sua comunidade. Essa abordagem se baseia nas ideias de *Bairro-Escola* e de *trilhas educativas* propostas na coleção organizada por SINGER (2011, p.6). Em relação ao conceito de Bairro-Escola a autora afirma que:

Trata de um sistema de corresponsabilidade entre escolas, famílias e comunidades com foco na garantia de condições para o desenvolvimento das pessoas, especialmente as crianças e os jovens. (SINGER, 2011, p.06)

A ideia de Bairro-escola tem como principal foco emprestar um novo significado ao papel da escola, afirmando a aprendizagem como um processo de conquista de autonomia e postulando a cidade e a comunidade como territórios educativos. Para Singer,

Um dos princípios sagrados é o de que o aprendiz aprende, de fato, porque é capaz de produzir conhecimento e de alterar sua vida bem como a vida de sua comunidade – a isso entendemos por protagonismo. Palavra que significa, longe das firulas semânticas, a capacidade de ser autor, coautor, participante. (SINGER, 2011, p.18)

No que se refere às trilhas educativas, a autora afirma que estas são:

Uma tecnologia que consiste na elaboração de percursos pedagógicos que integram os conteúdos dos projetos da escola aos do território. Pelos princípios das trilhas, os projetos partem do interesse dos educandos e cumprem etapas de mapeamento do entorno (do bairro ou parte dele) e interação com a comunidade (moradores, trabalhadores ou frequentadores da região). Na concepção do Bairro-Escola, a circulação pelo bairro e pela cidade não é considerada “passeio”, ou simplesmente “atividade cultural”: está na base conceitual de território educativo. (SINGER, 2011, p.50)

Na perspectiva de uma integração entre os sujeitos que estão na escola, junto ao processo de construção da memória e preservação do patrimônio do bairro, as ideias apresentadas acima nos ajudarão a refletir na busca de respostas para questões como: quais espaços culturais podem ser visitados em nosso bairro? Como se deu a organização, criação e manutenção desses espaços?

Aqui abro uma reflexão importante também em relação ao patrimônio do bairro e a relação de monumentos deixados no bairro Guarani e por toda a cidade. Para tal reflexão utilizo do conceito Monumento de Le Goff que assim define como:

Tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, por exemplo, os atos escritos. (...) uma obra comemorativa de arquitetura ou de escultura: arco de triunfo, coluna, troféu, pórtico etc.; um monumento funerário destinado a perpetuar a recordação de uma pessoa. O monumento tem como características, o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas. (LE GOFF, 1994. p.535/536).

Esse elemento importante que nos traz Le Goff surge da necessidade de questionarmos de até que ponto há uma valorização real dos acontecimentos, memórias e ou lugares de referência dos bairros, que possam ser transformados monumentos.

No registro do *Projeto Educação para o Patrimônio Cultural: formação de jovens mediadores e multiplicadores*², alguns questionamentos feitos estão diretamente relacionados à questão do patrimônio edificado e da valorização deste e de seus monumentos.

CRUVINELL (2012) chama a atenção para a não existência de monumentos na regional Norte de Belo Horizonte, mesmo que a população, quando da pesquisa feita pelo autor já atingia uma das maiores porcentagens da cidade de Belo Horizonte, chegando a 14%.

Dada à importância da preservação do patrimônio, da valorização da história local do lugar onde se vive, observa-se a relevância em evidenciá-la e mantê-la presente no ambiente escolar. A eleição de lugares que teriam os QR Code no percurso a ser construído pelo projeto acabaria funcionando como a construção de monumentos desses bairros, ou seja, lugares eleitos para se lembrar da história do bairro. Como descrito por Le Goff (1994. p.535/536) “O monumento tem como característica o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas”.

Assim, o projeto justifica-se em virtude da aproximação que proporciona aos alunos com a História e seus conteúdos trabalhados em sala de aula.

Essa aproximação serve como ferramenta e estratégia de ação que facilita a assimilação dos conteúdos e promove uma efetiva reflexão dos estudantes sobre a temporalidade histórica, o pensamento crítico e sobre a sua própria realidade. Em outras palavras, a integração dos alunos como protagonistas no processo de construção do conhecimento relativo à história local, a história do bairro e ao

² TORRE, M.M. C coord. Educação para o Patrimônio Cultural: formação de jovens mediadores e multiplicadores. Belo Horizonte: ACAP-BH, 2013.

patrimônio cultural próximo a sua realidade, dá sentido real a relação entre a teoria e a prática da história ensinada em sala de aula.

Frente à atitude de alunos orientados durante o projeto, isso se torna importante na medida em que transforma a relação com a comunidade numa “via de mão dupla”, que por um lado leva as documentações e os registros históricos regionais para a sala de aula através da pesquisa e da organização dos GTs e por outro leva as informações assimiladas para a comunidade geral através do roteiro histórico e a criação dos QR Code deixados como registro em cada local de nossa passagem. Dessa forma, esses mesmos alunos contribuem na continuidade da memória histórica que ao nosso entendimento é sempre importante na vida de qualquer comunidade.

Por fim, temos a certeza de que é a relação escola, comunidade e seu patrimônio cultural, que servirão de base para que possamos construir um roteiro histórico que dê um sentido mais próximo ao estudo de nossos alunos, promovendo a conscientização da comunidade para a importância da memória histórico-cultural de nosso bairro e de nossa cidade.

3- PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Em relação à organização de um roteiro histórico onde se deseja um resgate da memória e preservação do patrimônio e da história local, utilizando da ferramenta QR Code, os conceitos norteadores a serem trabalhados serão: Referência Cultural, Lugares de Memória, Memória, História Local e TICs (tecnologia de Informação e Comunicação).

SIMAN, et al (2017, p.55) em seu texto “Trilhar uma rua: muitas histórias visíveis, invisíveis e sensíveis” destaca dois conceitos fundamentais para o estudo de uma localidade na perspectiva patrimonial. Os conceitos de “referência cultural” e “lugares de memória”.

Para as autoras, Referência Cultural:

compreende objetos, práticas e lugares apropriados pela cultura na construção de sentidos de identidade. Temos como exemplos: paisagens naturais, edificações, festas, entre outras. Esse conceito está ligado à ideia de pertencimento. (SIMAN, L. M. C.; SILVA, A. M., MOREIRA, 2017, p. 54).

No que se referem à Lugares de Memória tendo como base os escritos de Pierre Nora, as autoras afirmam que esses

são como o conjunto de referências culturais, lugares, práticas e expressões originadas de um passado comum. Em relação aos lugares de memória estão relacionadas à cultura (SIMAN, L. M. C.; SILVA, A. M., MOREIRA, 2017 p. 55).

Os dois conceitos fundamentais para a perspectiva patrimonial se misturam e se completam. Na perspectiva de uma história que busque usar os sentidos para dar um significado e relevância à questão da memória tantas vezes silenciada, o papel desses conceitos é chave em um projeto que vislumbra a organização de um roteiro. A ideia é desvelarmos os “sentidos” nas diversas trilhas que podemos construir com nossos alunos em relação ao bairro e a diversos espaços de nossa cidade.

Em relação ao conceito de memória, Barros (2013) em seu artigo *Ensino de História, Memória e História Local*, afirma que “no sentido primeiro da expressão, é a presença do passado. A memória é uma construção que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, que nunca é somente aquela do indivíduo, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social e nacional”.

Para POLLAK,

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual quanto coletivo, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p.204).

Para LE GOFF deve haver um vínculo entre a história e a memória:

A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para libertação e não para aservidão dos homens (LE GOFF, 1994 p. 477).

Em relação à discussão feita por esses autores BARROS (2011) afirma que, tanto Pollak, como Le Goff acabam por reforçar a importância do conhecimento histórico para uma maior compreensão das identidades individuais e coletivas. Ambos dão alicerce para que possamos criar um caminho onde o aluno possa entender que é a libertação a partir do que construiremos e deixaremos como memória coletiva.

A questão da memória impõe-se por ser base da identidade e é pela memória que se chega à história local. Além da memória das pessoas, escrita ou recuperada pela oralidade, existem “lugares da memória”, expressos por monumentos, praças, edifícios públicos ou privados, mas preservados como patrimônio histórico.

No que se refere à História local, esta é entendida como:

uma modalidade de estudos históricos que contribui para a construção dos processos interpretativos sobre as formas como os atores sociais se constituem historicamente em seus modos de viver, situados em espaços que são socialmente construídos e repensados pelo poder político e econômico na forma estrutural de “bairros e cidades”. (BARROS, 2012 p.72)

A História Local é a história que trata de assuntos referentes a uma determinada região, município, cidade, distrito. Apesar de estar relacionada a uma história global, a história local se caracteriza pela valorização dos particulares, das diversidades; ela é um ponto de partida para a formação de uma identidade regional. (BARROS, 2012 P.72) Vejamos a seguir o que alguns autores dizem a esse respeito.

BARROS (2012 p. 34), citando NEVES, afirma que:

“[...] a construção do conhecimento a partir da vivência, portanto, do local e do presente, é a melhor forma de superar a falsa dicotomia entre a produção e a transmissão, entre pesquisa e o ensino/divulgação, enfim, entre o saber e o fazer. A partir destas novas perspectivas historiográficas encontram-se também as preocupações da utilização da História Local no ensino de História.”. (NEVES, 1997, p. 7),

Segundo GIROUX E SIMON (1994, p. 99), “são abordagens desse tipo que apresentam um ganho pedagógico para os estudantes ao tornar disponíveis aquelas narrativas, histórias locais e memórias que foram excluídas e marginalizadas nas interpretações dominantes da história”.

As afirmações acima só corroboram com a importância de trabalharmos com uma perspectiva de uma história próxima a realidade de nossos alunos. Quando trazemos o roteiro histórico de bairro para ser uma construção em nossa escola queremos que esses alunos tenham a possibilidade de se identificarem, desenvolvendo noções de pertencimento, empatia e de si como sujeitos históricos.

A possibilidade de dar voz à comunidade, auxiliada pelos recursos que as novas tecnologias propõem, são caminhos que penso serem exitosos para um processo de ensino e aprendizagem real e significativo.

A história local possibilita a compreensão do entorno do aluno, identificando passado e presente nos vários espaços de convivência. Essa temática permite que o professor parta das histórias individuais e dos grupos para inserir o aluno em contextos mais amplos. O novo interesse da História Local volta-se para uma abordagem social que procura reconstruir as condições de vida dos diversos grupos sociais de uma determinada localidade.

Os autores acima, citados por BARROS (2012) destacam que é relevante que o ensino de História forneça estratégias teórico-metodológicas para o desenvolvimento em sala de aula que valorize a história de vida de seus alunos e as diversidades, ela é um ponto de partida para a formação de uma identidade regional.

Em relação direta com a revolução tecnológica surge a ideia das TICs, (tecnologia educacional de comunicação) que pode ser enunciado como o conjunto de procedimentos (técnicas) que visam facilitar os processos de ensino e aprendizagem com a utilização de meios (instrumentais, simbólicos ou organizadores) e suas conseqüentes transformações culturais.

Segundo MIRANDA, podemos definir as TICs como:

A conjugação da tecnologia computacional ou informática com a tecnologia das telecomunicações e tem na Internet e mais particularmente no World Wide Web (WWW) a sua mais forte expressão. Quando estas tecnologias são usadas para fins educativos, nomeadamente para apoiar e melhorar a aprendizagem dos alunos e desenvolver ambientes de aprendizagem podem considerar as TIC como um subdomínio da Tecnologia Educativa. (MIRANDA, 2007 p. 43)

São as TICs, em suas diversas formas, que têm contribuído no processo de ensino e aprendizagem para as ações efetivas de projetos escolares. Essas ferramentas vêm permitindo, também, o acesso ao ciberespaço por meio de outras estratégias e linguagens.

Esses meios são usados como estimuladores da curiosidade do aluno por querer conhecer, pesquisar, buscar a informação mais relevante, aprofundando, assim, seu conhecimento e desenvolvendo sua aprendizagem.

Segundo SANTOS:

Com o avanço das tecnologias da informática e das telecomunicações, estamos vivenciando uma nova fase da cibercultura que denominamos cibercultura móvel. Além da evolução dos dispositivos móveis, contamos, sobretudo, com a evolução das tecnologias sem fio de acesso ao ciberespaço, a exemplo das tecnologias Wi-Fi, Wi-Max, 2G, 3G, 4G. Essas novas tecnologias de conexão móvel têm permitido cada vez mais a mobilidade e, com isso, a instituição de novas práticas culturais na cibercultura. (SANTOS, 2015 p.137)

Entre as possibilidades advindas das TICs o QR Code é um dos instrumentos aplicados ao ensino e utilizados em nosso projeto de ação. Um recurso tecnológico de grande eficiência e muito simples que, como explica RUIZ TORRES:

Caracterizam-se por serem códigos bidimensionais com enorme capacidade de armazenamento e que, ao contrário dos códigos de barras usuais, que somente podem ser lidos em um sentido, permitem a leitura tanto no sentido horizontal, quanto vertical. Mesmo dotado de baixa complexidade e acessível de forma extremamente fácil, a utilização do denominado código QR permite atingir um grande número de destinatários, com a vantagem de não necessitar de aporte de enormes quantidades de recursos financeiros. (RUIZ TORRES 2015, p. 2),

O emprego dessa tecnologia “em espaços expositivos resultou desde o início em um importante aliado para o discurso. Uma das chaves dessa permanência se deve à simplicidade da tecnologia, que não requer excessivas habilidades informáticas e, de outro lado, a sua popularização como elemento cotidiano da sociedade” (RUIZ TORRES, 2015, p. 9).

4 – PERCURSOS METODOLÓGICOS

4.1 Percurso

A história e a memória³ se relacionam, porém, não são a mesma coisa. No que se assemelham, ambas são seleções organizadas de fatos e eventos que, postos em uma linha, formam uma narrativa. A memória diz respeito a sentimentos e sensações e pode ser tanto individual quanto coletiva. A história tem uma metodologia própria que se baseia em fontes materiais e imateriais, nas quais se encontram evidências de eventos passados. Partindo desse referencial, o que pretendemos com essa metodologia é uma abertura para um caminho prazeroso, para as experiências que teremos em nosso projeto de Ação.

A proposta parte da ideia de criação de um roteiro histórico do bairro, construído a partir de onde está localizada a escola em que leciono. Esse roteiro, entendido também como trilha educativa, conforme conceituado por SINGER (2011), irá mapear esses lugares da memória e ou de referência histórico-cultural, em um segundo momento, com o uso da ferramenta QR Code, deixar registrado nesses espaços nas histórias dos lugares e das pessoas que ali estiveram.

Ainda que alguns dos alunos residam em bairros próximos e não no bairro da escola, a atividade pode ser feita, uma vez que os jovens passam grande parte de suas vidas e de seus dias dentro da escola, local onde muitos fazem sua socialização.

1ª Etapa - Formação do GT Grupo de trabalho

A organização do Grupo de Trabalho *“Caminhos da memória: um roteiro histórico com o uso do QR Code nos lugares de memória no entorno da Escola Municipal Hélio Pellegrino (Guarani- Aarão Reis)”*, envolverá alunos do 6º ao 9º anos selecionados de acordo com seu interesse e disponibilidade nos ações do projeto.

³ Nessa perspectiva, entre os diversos autores que trabalham esse conceito, uso como referencial a obra de LE GOFF, Jacques. “Memória”. In: História e Memória. São Paulo: Editora da Unicamp, 1994.

Em parceria com os demais professores de história, será disponibilizado aos alunos um breve questionário com a explicação do Projeto, objetivos e produto final. Dentro desse questionário que a posteriori será usado na escolha dos participantes entrarão perguntas relacionadas a:

- A relação do aluno com o bairro (moradia ou não no bairro, visita aos espaços culturais e de lazer, etc)
- O conhecimento prévio do aluno sobre a história do bairro;
- A relação entre a história da família do aluno e a construção do bairro.
- Você gostaria de participar do projeto?

Após a tabulação das respostas e consulta direta com os outros professores para a adequação dos alunos em suas saídas de sala para o projeto, formaremos um grupo de até 30 alunos com representantes de cada etapa do ciclo.

2ª Etapa – Pesquisando sobre a história do bairro.

Com o GT (Grupo de Trabalho) formado, iremos desenvolver propriamente as ações do projeto. Para caminharmos de forma efetiva e coesa, farei inicialmente a apresentação de alguns conceitos importantes para nosso Projeto, para que possamos ter um norte bem definido. Aqui cabem destacar o trabalho com os conceitos de **Memória, História, Identidade, Lugares de Memória, Trilhas educativas e Roteiro Histórico**. Os textos para essa atividade serão construídos juntamente com os coordenadores e supervisores desse projeto de ação⁴.

Em um segundo momento, faremos roteiro de entrevistas em que os alunos, em duplas, pesquisarão junto a seus familiares e a comunidade, sobre a história do bairro, buscando informações sobre pessoas, lugares de memória, e elementos que formam a referência cultural da região, além das entrevistas, fontes materiais que possam ser coletadas/utilizadas (fotografias, documentos antigos, recortes de jornais, etc.) pelos alunos como ilustração para apresentação de suas entrevistas que

⁴ As atividades produzidas se encontram em anexo.

poderão ser utilizadas como um “acervo” inicial em outra atividade importante dentro da escola.

Dentre as questões a serem levantadas, como ditas anteriormente, a relação dos locais de referência na história do Bairro e a importância da memória das pessoas que vivem ou viveram no bairro são elementos importantes dessa etapa de trabalho. Nessa parte da atividade utilizaremos as técnicas de história oral e registraremos através das diversas ferramentas como vídeo, áudio, e relatórios. Utilizaremos como referência o roteiro de FONSECA L.K. (2017) ⁵.

Após as entrevistas, faremos uma visita técnica ao APM- Arquivo Público Mineiro. Com uma organização em visita prévia feita por mim. Os textos e imagens relacionados à regional Norte e aos bairros no entorno da escola serão mais uma ferramenta para a produção de nosso Roteiro.

Penso que se conseguirmos um morador mais antigo do bairro, poderíamos fazer um momento para fechamento dessa etapa, com a partilha de seus saberes e vivências sobre o bairro.

3ª Etapa – Apresentação das entrevistas e análise dos dados

Após as entrevistas feitas pelos alunos, os mesmos farão a apresentação do material elaborado para que possamos, posteriormente, fazer um mapeamento dos lugares de memória levantados pelos alunos junto a familiares e a comunidade.

Alguns questionamentos a serem abordados nessa etapa, com a participação dos alunos:

- Quais as pessoas de referência do bairro foram citadas nas entrevistas?
- Quais os “lugares de memória” / locais de referência do bairro mais foram citados?

⁵ FONSECA L.K. (2017) Olhares sensíveis de Venda Nova no século XX. (p.102-103) In: PADUA, K. C.; SIMAN, L. M. C.; SCALDAFERRI, D. C. M. (orgs.). *Memória e patrimônio cultural: contribuições para os estudos da localidade na educação básica*. Belo Horizonte: Mazza, 2017.

Essa etapa visa trabalhar com os alunos a importância do ofício do pesquisador, com critérios de análise dos dados e o trabalho de organização das fontes. Em relação a isso ressalto o uso contínuo dos escritos de ANTUNES⁶ (2001).

4ª Etapa – Montagem do Roteiro e criação dos QR Code

Nessa etapa final vamos dividir o GT em dois grupos. Um grupo ficará encarregado da organização e montagem do roteiro, enquanto outro grupo ficará responsável pela criação dos QR Code. Nesse momento, o trabalho com os alunos será com as informações dos lugares previamente definidos. Com a criação do roteiro e do QR Code penso em produzir as placas que poderão ser afixadas nos locais onde faremos nosso roteiro.

A apropriação cultural coletiva do espaço público é resultado da consciência de que o lugar de pertencimento mostra-se relevante para a comunidade e para seu engajamento na tarefa de promoção e conservação do patrimônio cultural, como já mencionado no curso desse projeto.

A tecnologia pode auxiliar nessa atribuição, que é tanto do Poder Público, como da coletividade, fazendo o repasse das informações sobre o contexto cultural de determinados espaços públicos urbanos. Para cumprir essa promessa de difusão, democratizar o acesso à informação patrimonial e cultural e atingir o maior espectro de indivíduos que for possível, a tecnologia empregada não pode ser cara, nem excludente.

É nesse sentido que foi pensado o consistindo em veiculação da informação pertinente aos lugares de memória por intermédio do uso de QR Code a ser colocado nas placas de identificação dos espaços pelo projeto selecionado.

Para a execução do projeto conta-se com uma despesa para criação, edição de fixação do código QR, aproveitando os recursos tecnológicos gratuitos que se encontram à disposição e fazendo sua inserção nos locais previamente definidos.

⁶ ANTUNES, Celso. Como transformar informação em conhecimento. Petrópolis: Vozes, 2001.

São inúmeros os aplicativos gratuitos que permitem a criação, introdução e constante atualização das informações sobre os lugares de memória escolhidos para serem sinalizados, sem que seja preciso gastar altos valores para sua concretização.

É inegável que a existência de QR Code nas placas dos espaços selecionados atrairá a curiosidade e servirá de semente para a sensibilização da coletividade sobre a importância da sua participação na promoção e conservação daqueles lugares e das razões pelas quais foi escolhido para ser sinalizado. As informações a serem veiculadas no código QR devem contemplar aspectos relevantes para a formação da consciência em promover e proteger aquele espaço cultural.

5ª Etapa – Percorrendo o Roteiro

Nessa etapa final, como culminância do projeto, no que se refere à parte educativa e do trabalho do GT em nossa escola, percorreremos com nossos alunos da escola Municipal Hélio Pellegrino o roteiro que criaremos. Durante três semanas, com uma turma a cada dia, faremos o percurso, sendo que a explicação e a didática do roteiro serão feita pelos alunos participantes do GT, buscando assim a autonomia dos mesmos.

4.2 Avaliação

A avaliação será processual e contínua, através do acompanhamento do professor, durante todo o período. Cada ação desenvolvida ao longo do projeto será analisada e discutida, de modo a reorientar as práticas a serem adotadas. Será observado também a participação, o interesse e o aprendizado dos alunos nas atividades coletivas e individuais.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho aqui apresentado trouxe uma nova perspectiva para o olhar de nossos alunos e da comunidade local sobre o seu bairro e a sua cidade, ampliou o imaginário dos alunos e sua visão de mundo para além dos muros da escola.

Durante a execução desse projeto fomos surpreendidos pelas descobertas, que motivavam cada vez mais, alunos e professores. Conhecemos pessoas, lugares e instituições que estão próximas a nossa escola e influenciaram o desenvolvimento do bairro, sem imaginar o quão importantes elas seriam para contar a história da região, a nossa história.

Esse trabalho permitiu que a criação de um roteiro histórico pelos lugares de memória do bairro abrisse possibilidade de observações, descobertas e discussões sobre o patrimônio da região escolhida. Juntos, pudemos perceber que a história local foi revisitada, enriquecendo o processo da aprendizagem e tendo como auxílio o uso da tecnologia.

Durante a execução do projeto pudemos perceber como o protagonismo e o envolvimento dos alunos esteve presente durante as atividades propostas do GT(Grupo de Trabalho) nas visitas aos lugares de memória e na produção dos textos colaborativos .

A socialização das ideias e o trabalho coletivo foram fundamentais para que chegássemos nessa reta final, em que produzimos o roteiro histórico com o uso do site e instalação das placas com os QR Codes. Poucas foram as dificuldades encontradas e elas surgiram no momento da saída dos alunos de sala de aula para participação no projeto. A cultura de que a sala de aula é ainda o único espaço educativo infelizmente não foi de todo superado.

O Projeto foi muito importante na consolidação de conceitos chave para a história e já consolidados na nova BNCC no que se refere às habilidades propostas e em relação ao estudo da cidade e das comunidades locais.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3ª Edição. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- BARROS, C. H. F. de. **Ensino de História, Memória e História Local**. Revista Principia - Divulgação Científica e Tecnológica do IFPB, [S.l.], n. 21, p. 64-74, dez. 2012. ISSN 2447-9187. Disponível em: <http://periodicos.ifpb.edu.br/index.php/principia/article/view/149>. Acesso em: 10 jun. 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2017.
- BURKE, Peter. História Como Memória Social. In. _____ **Variedades de História Cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- _____. **O que é História Cultural?** Trad. Sergio Goes de Paula 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2008
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2012.
- CRUVINEL, E. H. P. **Monumentos, Memória e Cidade: estudo de caso em Belo Horizonte**. 2012. Belo Horizonte. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/MMMD-95YS3X/monumentos_mem_ria_e_cidade_____estudo_de_caso_em_belo_horizonte___eduardo_henrique_de_paula_cruvinel.pdf?sequence=1 Acesso em: 04/06/2019
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17ª. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- GIROUX, Henry & SIMOM, Roger. **Cultura Popular e Pedagogia Crítica: A Vida Cotidiana Como Base Para O Conhecimento Curricular**. In: MOREIRA, Antônio F.B. e Silva, Tomaz Tadeu (orgs.). Currículo, Cultura e Sociedade. São Paulo: Cortez, 1994.
- RIBEIRO, R.R., coord. **Histórias de bairros** [de] Belo Horizonte: Regional Norte. Belo Horizonte: Arquivo Público da Cidade, 2011. 62 p.
- LE GOFF, Jacques. “**Memória**”. In: **História e Memória**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1994.
- MIRANDA, G. (2007). **Limites e possibilidades das TICs na educação**. Sísifo. Revista de Ciências da Educação, 03 (p. 44). Disponível em: <http://sisifo.fpce.ul.pt> Acesso em: 10 jun. 2019
- NEVES, Joana. **História Local e Construção da Identidade Social**. Saeculum – Revista de História. João Pessoa: Departamento de História da Universidade Federal da Paraíba, n. 3, jan./dez. 1997.
- NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28.
- POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.5, n.10, 1992.

PROENÇA, Maria Cândida. **Ensinar/Aprender História**. Lisboa: Horizonte, 1990.

RUIZ TORRES, David. **O uso de QR-Codes em espaços expositivos: experiência e crítica de uma prática museográfica no século XXI**. In: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação-Rio de Janeiro, RJ -4 a 7/9/2015 Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-2093-1.pdf> Acesso em: 14 jun. 2019.

SANTOS, E. **A mobilidade cibercultural: cotidianos na interface educacional e comunicação**. In. Em Aberto, v. 28, n. 94, p. 134-145, jul./dez de 2015. Disponível em: http://emaberto.inep.gov.br/index.php/em_aberto/article/viewFile/1675/1646. Acesso em: 04 jun. 2019

SIMAN, L. M. C.; SILVA, A. M., MOREIRA, F. L. Trilhar uma rua: muitas histórias visíveis, invisíveis e sensíveis. In: PADUA, K. C.; SIMAN, L. M. C.; SCALDAFERRI,

D. C. M. (orgs.). **Memória e patrimônio cultural: contribuições para os estudos da localidade na educação básica**. Belo Horizonte: Mazza, 2017.

SIMAN, L. M. C. **Memórias sobre a história de uma cidade: a História como labirinto**. *Educação em Revista*, (47), p. 241-270 (2008). Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982008000100014>. Acesso em: 10 jun. 2019.

SINGER, Helena (org.) **Trilhas educativas**. Coleção Tecnologias do Bairro Escola. São Paulo: Associação Cidade Escola Aprendiz e Fundação Itaú Social, 2011, v. 1, p. 5-20 Disponível em: https://www.cidadeescolaaprendiz.org.br/wp-content/uploads/2015/04/Territorios-Educativos_Vol1.pdf Acesso em 22 mai. 2019.

_____, **Trilhas educativas**. Coleção Tecnologias do Bairro Escola. São Paulo: Associação Cidade Escola Aprendiz e Fundação Itaú Social, 2011, v.2. Disponível em: https://www.cidadeescolaaprendiz.org.br/wpcontent/uploads/2015/03/Territorios-Educativos_Vol2.pdf Acesso em: 22 mai. 2019

TORRE, Michelle (Coord.) **Educação para o Patrimônio Cultural: formação de jovens mediadores e multiplicadores**. Belo Horizonte: ACAP-BH, 2013.

VAINFAS, Ronaldo. **História das mentalidades e história cultura**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.). Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p.127-162.

ANEXOS

Material utilizado com os alunos durante o desenvolvimento do plano de ação



Anexo A- Questionário: O Bairro por seus personagens

Escolha uma morador ou mesmo uma pessoa de sua família que conheça bem o bairro e possa te auxiliar com as questões propostas no projeto. Leve em consideração alguns critérios como idade e tempo de moradia no bairro. Você poderá fazer o seu registro com celular – para captação do áudio ou vídeo. Nesse caso não se esqueça de pedir licença para gravar ou filmar.

- a) Você reside nesse bairro há quanto tempo?
- b) Onde você nasceu? Como chegou aqui?
- c) Como era sua casa na infância? Como era sua primeira casa no bairro? Ainda é a mesma casa? Como ela é hoje?
- d) Por que escolheu esse bairro para residir? Você sabe por que seus pais escolheram esse bairro para residir?
- e) Como era a avenida e/ou Rua principal? Tinha rio no bairro? Como era a escola que você estudava (se estudou)?
- f) O que você sente falta de quando era mais novo? Em relação a locais e o dia a dia.
- g) Em sua opinião quais são os locais de referência na história do Bairro?
- h) Você sabe sobre os locais mais antigos do Bairro? (igrejas, praças, escolas, etc.).



Anexo B- Texto: Memória, História e Identidade.

O QUE É MEMÓRIA?

Trecho do livro Aprendendo com o menino Guilherme Augusto

O que é uma memória? – perguntou Guilherme Augusto. Ele vivia fazendo perguntas.

- É algo de que você se lembra – respondeu o pai.

Mas Guilherme Augusto queria saber mais; então ele procurou à senhora Silvano, que tocava piano.

- O que é memória? – perguntou.

- Algo quente, meu filho, algo quente.

Ele procurou o senhor Cervantes, que lhe contava histórias arrepiantes.

- O que é uma memória? – perguntou.

- Algo bem antigo, meu caro, algo bem antigo.

Ele procurou o senhor Valdemar, que adorava remar.

- O que é uma memória? – perguntou.

- Algo que o faz chorar, meu menino, algo que o faz chorar.

Ele procurou à senhora Mandala, que andava com uma bengala.

- O que é uma memória? – perguntou.

- Algo que o faz rir, meu querido, algo que o faz rir.

Ele procurou o senhor Possante, que tinha uma voz de gigante.

- O que é uma memória? – perguntou.

- Algo que vale ouro, meu jovem, algo que vale ouro.

Como funciona a memória? Para que serve? Onde está guardada? Quem define o que será guardado, ou seja, lembrado?

Memória

A memória pressupõe registro, ainda que tal registro seja realizado em nosso próprio corpo. Ela é, por excelência, seletiva. Reúnem as experiências, os saberes, as sensações, as emoções, os sentimentos que, por um motivo ou outro, escolhemos para guardar. A memória pode estar presente de várias formas: em objetos, músicas, palavras. E ela não é estática.

A memória é essencial a um grupo porque está atrelado à construção de sua identidade. Ela é o resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuação e de experiência, Isto é, de identidade (ALBERTI, 2005, p. 167).

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletivo, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992).

HISTÓRIA

O que é História? Para que serve estudar história? Quem faz a história? O que são fontes históricas?

Toda história é sempre uma narrativa organizada por alguém em determinado tempo e implica uma seleção. Essa construção ocorre, invariavelmente, no presente, por um ou mais autores.

Portanto a história é conjunto de narrativas sobre o 'passado' que procuram reelaborar sentidos e significados para o 'presente'.

Uma história é uma narração, verdadeira ou falsa, com base na realidade histórica ou puramente imaginária – pode ser uma narração histórica ou uma fábula (LE GOFF 2003, p.18,19).

Anexo C- Autorização de uso de imagem, som de voz e nome em entrevista.

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem, som da minha voz e nome por mim revelados em depoimento pessoal concedido e, além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados, para compor o vídeo-depoimento para o Projeto **CAMINHOS DA MEMÓRIA: UM ROTEIRO HISTÓRICO COM O USO DO QR CODE NOS LUGARES DE MEMÓRIA NO ENTORNO DA ESCOLA MUNICIPAL HÉLIO PELLEGRINO**. E que estas sejam destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (textos em sala) como também em mídia eletrônica (*vídeos* entre outros) e em áudio.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Belo Horizonte, _____ de _____ de 2019.

Assinatura

Nome:
Endereço:
Cidade:
RG Nº:



Anexo D- Autorização para participação em grupo de whatsapp em projeto escolar.

Diante do atual paradigma educacional, a ideia de inclusão tecnológica origina-se de um momento em transformação, onde a sociedade se baseia cada vez mais na tecnologia: da informática, nas telecomunicações, no transporte de alta velocidade e no conhecimento. Buscando compreender esta realidade abordamos a utilização do whatsapp como processo de inclusão e comunicação tecnológica em nosso projeto **Caminhos Da Memória: Um roteiro histórico Com O Uso Do QR Code Nos Lugares De Memória No Entorno Da Escola Municipal Hélio Pellegrino.**

Coordenação: Professor Renato Sena – História.

Para que possamos ter um contato mais próximo em relação às discussões, cronograma e atividades do projeto solicito a liberação para a participação de seu filho (a) em nosso grupo de Whatsapp - **CAMINHOS DA MEMÓRIA- HP. No período de setembro a novembro 2019.**

Na qualidade de responsável pelo menor abaixo qualificado, matriculado no estabelecimento educacional ESCOLA MUNICIPAL HÉLIO PELLEGRINO autorizo o uso da ferramenta Whatsapp, respeitadas as diretrizes fixadas no Estatuto da Criança e do Adolescente, estando ciente desde já, que não caberá em tempo algum, qualquer reclamação, indenização, ou pagamento de valor antecipado ou posterior pela não ciência para a participação no grupo, sendo a presente autorização feita de modo gratuito e permanente.

Nome do Aluno:
Endereço:
Cidade:

Belo Horizonte, ____ de _____ de 2019.

Assinatura

Anexo E - Roteiros de aprendizagem

Locais visitados durante o Projeto para elaboração de do roteiro histórico,



Visita técnica ao Museu Abílio Barreto-2019 Arquivo



Visita ao Terreiro de Candomblé Ilê Wopo Olojukan- Bairro Guarani 2019 –Arquivo Pessoal



Visita ao Parque Nossa Senhora da Piedade–Bairro Guarani 2019- Arquivo Pessoal.



Visita à Associação Comunitária do Bairro Guarani- 2019 --Arquivo Pessoal.

Anexo F - Roteiro criado para organização dos Caminhos da Memória



Anexo G- Placas para afixar nos Lugares de Memória, com o uso qr code.

Em cada Lugar de Memória escolhido pelos moradores dos bairros Guarani e Aarão Reis, foram colocadas placas no tamanho de uma folha A4 (30cmx22cm) como forma de homenagem e reconhecimento como um espaço importante para a comunidade. Na placa estará um QR Code contando sobre a história do parque e também um link para conhecer mais sobre esse espaço e sobre o Projeto. Essas informações estarão disponíveis em um site que os alunos produziram. Segue o modelo da placa feita pelos alunos.



Modelo da Placa QR Code –Arquivo Pessoal.

Os lugares escolhidos pela comunidade foram:

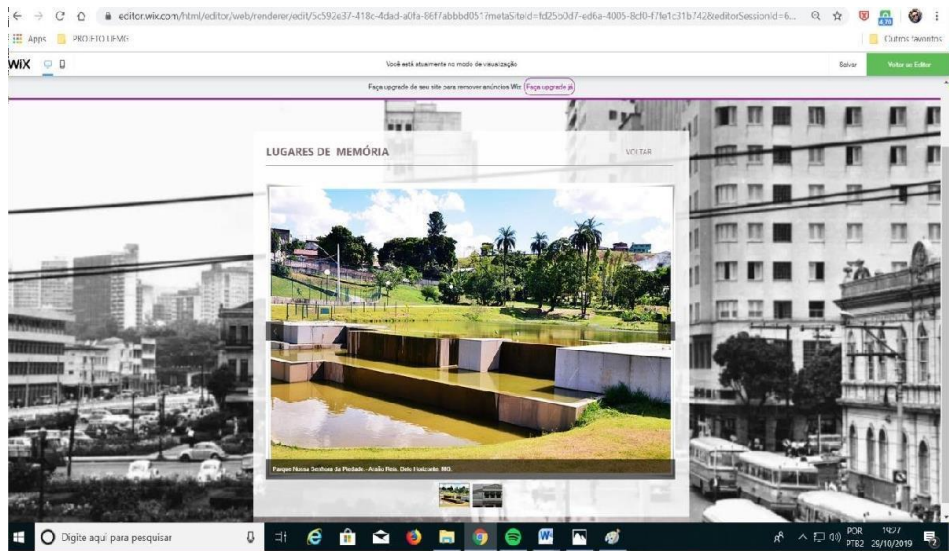
- SCOBAG (Sociedade Comunitária do Bairro Guarani)
- Farmácia do Edmilson.-Drogalina
- Terreiro de Candomblé Ilê Wopo Olojukan.
- Escola Municipal Hélio Pellegrino
- Pizzaria Guarani.
- Parque Nossa Senhora da Piedade

Anexo H- Imagem do site criado pelos alunos para abastecer a pesquisa feita dentro dos grupos de trabalho.

Abaixo estão algumas imagens do site que os alunos, com minha orientação, organizaram para contarmos um pouco dos lugares homenageados pelos moradores e lembrados pela comunidade. O site está hospedado na plataforma wix, com o domínio <https://renatohistoria1.wixsite.com/meusite>.



Capa do site produzido pelos alunos- 2019 Arquivo Pessoal.



Páginas do site Caminhos da Memória.- 2019 Arquivo pessoal.



Páginas do site Caminhos da Memória. - 2019 Arquivo pessoal.